



[Clique aqui para ampliar](#)

PSICANÁLISE E PSICOTERAPIA (entre o joelho e a cuia)

VIEIRA, M. A. . Psicanálise e psicoterapia. *Latusa* (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 6, p. 103-114, 2001.

por Marcus André Vieira



Resumo: Novamente o analista de Bagé, de Luis Fernando Veríssimo é convocado, desta vez para esclarecer a diferença entre a intervenção psicoterapêutica, sempre presente em uma análise e o ato analítico, como sua operação essencial.

Um dos personagens mais conhecidos de Luis Fernando Veríssimo é o analista de Bagé. Com ele passamos do consultório impessoal do analista típico, taciturno e barbudo, espaço adequado aos parâmetros da civilização ocidental, para os confins do Rio Grande do Sul, para a fronteira, limite do mundo conhecido. O contraste entre a educação requintada, a vasta cultura, as maneiras distantes deste analista caricato, implícito em todas as histórias do analista de Bagé, e a truculência, a ignorância e a vivacidade do personagem de Veríssimo é a primeira coisa que salta aos olhos.

Nosso primeiro impulso é afirmar que é neste contraste que reside a graça da coisa, que o analista de Bagé vem ridicularizar o sisudo analista. É verdade que algo dos motivos do riso reside aí, em se desconcertar o *standart*, o automatismo rígido das civilidades, como quando Chaplin lança inadvertidamente uma torta na cara do chefe. Trata-se do eixo principal da argumentação de Bergson sobre o riso retomada por Lacan de forma crítica (LACAN, J. 1999, p. 123/4). Tudo isso é verdade, mas não diz respeito ao que nos interessa no analista de Bagé. Da mesma forma, lições implícitas do tipo “a vida é muito maior que um consultório”, ou a afirmação de que há, afinal, em nosso país, algo que pode nos fazer sentir superiores aos europeus e à sua fria psicanálise, como a feijoada, a capoeira e o samba, são maniqueísmos que se esgotam muito rapidamente e que tampouco esgotam a graça da história de Veríssimo.

Vamos acompanhar, então, os movimentos do analista da Bagé, em busca de algo mais do que uma vitória sobre esta “macumba de branco” que seria a psicanálise. Será preciso nos determos em sua terapia prototípica, a terapia do joelho. Trata-se do seguinte procedimento:

Diz que quando recebe um paciente novo no seu consultório, a primeira coisa que o analista de Bagé faz é lhe dar um joelho (...). Depois do joelho, o paciente é levado, dobrado ao meio, para o divã, coberto com um pelego. O paciente começa então a desfiar sua ladainha de angústia existencial:

- Começo a pensar, assim, na finitude humana em contraste com o infinito cósmico (...) e então tenho consciência do vazio da existência, da desesperança inerente à condição humana. E isso me angustia (...).

- Ó Bagual, te preocupa com a defesa do Guarani e larga o infinito...

- *O Freud não diria isso.*
 - *O que o Freud diria tu não ia entender mesmo, ou tu sabe alemão? (...)*
 - *Só sei que estou deprimido e isso é terrível. É pior do que tudo.*
- Aí o analista de Bagé chega a sua cadeira para perto do divã e pergunta:*
- *É pior do que joelhaço?* (Veríssimo, L. F. 1997, pp. 8-10.)

Como sempre, do ponto de vista da psicanálise, estaremos interessados nos detalhes, naquilo que não é evidente e que faz do analista esse chato que sempre quer saber do que não tem importância e que parece torcer o nariz para o que salta aos olhos. Neste sentido, a pergunta que nos cabe é a seguinte: por que o paciente precisa receber a joelhada antes de qualquer coisa? Por que o analista de Bagé não lhe aplica o joelhaço *depois* de ter ouvido as lamentações, para mostrar, ali, na lata, que a vida é melhor, ou pior, que aquilo tudo?



Para responder à estas perguntas é preciso ter em mente algumas idéias propriamente psicanalíticas sobre a angústia. A angústia tomada como interrogação sobre o sentido da vida, atividade de lazer de quem carece de carteira assinada não é a angústia da qual se ocupa a psicanálise. Ela é uma experiência de desabamento do mundo, de apagamento das escoras difícil de descrever, mas certamente uma experiência de certeza e não de dúvida, de surpresa e não de enigma (MILLER, J. A. 1997, pp. 9-22.). A dúvida e o enigma instauram-se depois da angústia, justamente porque ela é uma experiência absoluta, sem lugar em nosso mundo do mais ou menos, do sentido aproximado. Como experiência radical do nada, a angústia precisa ser incorporada, explicada. É neste ponto que intervêm as questões existenciais ridicularizadas acima, mas também, a doença, a depressão, o stress, as inibições e outros modos de explicar o inexplicável, de nomear algo que insiste como se estivesse além das possibilidades do discurso (MILLER, J. A. 1996, 28/2/96).

Tudo se passa habitualmente como se houvesse um mundo de caos primordial que seria dominado pelo discurso, construção organizadora. Aprendemos, porém, com Freud que o mundo é do discurso e que neste mundo apresenta-se um estranho excesso que funciona como uma abertura por desvelar que o fundamento de toda certeza é o caos da indeterminação do sentido, virtualidade constitutiva do próprio discurso (cf. por exemplo FREUD, S. 1974 [1895] p. 92, [1933] p. 85 e [1926] p. 108.). Esta função da angústia, que já havia sido indicada por Kierkegaard, ganha, com Freud, uma conotação sexual e um lugar no corpo. A angústia passa a ser o índice, no corpo, do sexual sem finalidade, da pulsão feita de feixes nunca unificados, sempre parcial e desorganizadamente polimorfa.

A angústia pode vir a ser uma questão, engendrar o enigma, mas, em si, ela não pode ser nada senão a própria presentificação do nada. O próximo passo é entender que este Nada, um dos nomes de nosso real, ao surgir no campo do sentido, só pode aparecer como aquilo que violentamente faz ruir este campo, construído para dar conta de Tudo. Por esta razão Freud destacou sua presença com a imagem da castração. É aqui que o joelhaço do analista de Bagé tem seu lugar. Ele é a presentificação deste excesso sem-sentido. Entendemos então que tenha que vir antes de qualquer coisa, pois figura o fundamento da angústia e não seu tratamento. O joelhaço marca a ruptura violenta do sentido, a incidência traumática do real no discurso.

O analista de Bagé encarna com seu joelhaço um ato prévio à significação e, neste ato, a violência do desejo sem sentido, um dos modos de indicar a presença de nosso estranho objeto *a*. O golpe de mestre de Veríssimo é exibir a face violenta de uma análise, esta que desvela alguma coisa do objeto. O casamento sem graça entre o paciente típico e o analista sisudo é uma ficção

destinada e encobrir o que a psicanálise tem de mais característico, aquilo que fazia dela, no entender de Freud, uma peste, ou seja, um modo nada cômodo de rearranjar o lugar do objeto, da violência (sexual) do que não se diz. Estamos assim bem distantes do binômio inicial: uma terapia de choque para curar as frescuras existenciais. Não se trata da terapia da vida real se opondo e combatendo o fricote da angústia e do enigma mas, ao contrário, uma cena que põe em jogo, de um lado a violência do desejo e da presença de seu objeto – que aparece como ruptura do sentido – e, de outro, um sujeito perdido diante disso. Desta forma, o verdadeiro par em questão na psicanálise não é o angustiado existencial e o analista típico, mas sim o sujeito dividido e este algo que descobriu seu mundo a cada esquina, este objeto que está sempre recoberto por um véu, que insiste em todos os objetos que ele deseja quotidianamente mas que não consiste em nenhum deles. O verdadeiro par em questão é o sujeito e o objeto.



Na experiência cotidiana, o encontro com o objeto só é realizado por meio da fantasia, ambientação romanceada que fixa lugares e papéis. O que falta a um homem impotente e angustiado diante da mulher de seus sonhos não é um corpo musculoso, um bolso recheado ou quaisquer outros atributos viris, mas sim a função da fantasia, que se desdobra antes durante e depois de um encontro como este, constituindo o pano de fundo sem o qual o encontro seria de pura angústia. A fantasia articula o sujeito como identidade vazia e o objeto paradoxal. É o passe de mágica que *inclui* um objeto por definição *exterior* aos sentidos do mundo. Ela é o cerne daquilo que chamamos eu, indivíduo, pois estipula o modo como, para cada um e de maneira singular, este excesso vai se incorporar aos objetos do mundo e, a partir daí, produzir prazer e, apenas ocasionalmente, horror.

A relação sujeito-objeto é uma situação aberrante de acasalamento entre o sujeito, efeito de uma rede de determinações simbólicas, e o objeto, real que extrapola esta rede. Trata-se de uma zona de violência e não de paz. Só *a posteriori* um sentido para este encontro, pacificador, se constrói, individualmente, inconscientemente, apoiado na malha significativa primordial que constitui a fantasia. Desta forma, aquilo que era um mapeamento, violento, do encontro fundamental entre o eu e sua porção inominável, vai se transformar em trama, roteiro, uma historinha que funciona como véu para ocultar o aspecto excessivo do objeto.

Uma maneira bastante eficaz de operar esta transformação é encobrir com boas intenções o caráter brutal do encontro com o objeto. Não é a toa que numa de suas histórias, posterior à criação da terapia do joelho, Veríssimo inventa a seguinte entrevista do analista de Bagé:

Uma vez, num congresso de psicanalista em Paris – que é uma espécie de Bagé com metrô – me perguntaram de onde tinha saído a idéia do joelho e eu contei. Pues, cada vez que alguém lá em casa adoecia, chamavam o tio Lautério (...). Um dia eu, que era tão piá que ainda ficava na ponta dos pés pra mijar em penico, tive uma dor de ouvido. Chamaram o tio Lautério. Ele chegou e me encontrou chorando. A primeira coisa que disse foi pra me consolar:

"Deixa de ser veado, ó cagão". Mas tava doendo demais e não parei de chorar. Aí ele começou a me dar beliscão. E perguntava:

"O que tá pior, o ouvido ou o beliscão?"

E eu berrava: "É o ouvido!"

Depois: "Tá empatado!", e depois "É o beliscão!".

Aí ele apertou mais até que eu gritei: "Tô com saudade da dor de ouvido!"

Me lembrei do tio Lautério quando decidi instituir o joelho (VERÍSSIMO, L. F. 1997, p. 57-8).

Fica clara a montagem *a posteriori* da intenção terapêutica do joelho, como se fosse *a priori*. O efeito final da fantasia é exatamente este, dar a esse objeto bizarro, a esse estranho e violento outro, um lugar *a priori* com fins terapêuticos, o que, ao mesmo tempo, lhe dá um lugar no mundo do sentido, remediando a angústia que agora é existencial e da qual agora podemos nos lamentar e, eventualmente, rir. Nesta operação e em seus efeitos terapêuticos funda-se todo o campo da psicoterapia, reunindo todos os tratamentos de reforço da vertente encobridora da fantasia, que tiram sua força do vislumbre do objeto proporcionado pelo seu próprio velamento.

Devemos reforçar a distinção esboçada acima no seio da fantasia. Retomemos, com este fim, a história do joelho. O primeiro momento é sem sentido, mas estipula um funcionamento: o paciente entra, toma o joelho, e é justamente neste ponto que se estabelece a relação com o Outro, terapeuta selvagem (literalmente neste caso). A segunda metade da história se desdobra com a finalidade benevolente do violento golpe: o analista de Bagé faz seu paciente deitar-se em um pelego, lhe oferece uma cuia de chimarrão etc. Penetramos aqui em uma atmosfera do tipo: "é para seu bem", "vai doer mais em mim que em você" etc. Neste ponto intervém uma ficção como curativo para a falta de sentido do Outro. Ela situa um analista rude mas que é, no fundo, um bom coração. No primeiro momento estamos diante da fantasia fundamental, pura montagem feroz e assubjetiva segundo a fórmula freudiana destacada por Lacan no texto "Bate-se em uma criança". Esta fórmula vincula sujeito e objeto e situa este último em sua pura presença sem sentido ("bate-se em uma criança" equivale aqui a "um joelho atinge um paciente"). No segundo momento estamos no nível *das* fantasias, conscientes ou não, que se oferecem ao deciframento exatamente como as outras formações do inconsciente e que, tal como o chimarrão, nos apaziguam e acalentam o sono, estas historinhas que compomos ou que nos invadem enquanto o ônibus ainda não chegou a seu destino. Nesta dimensão homeostática inserem-se as terapias.



Podemos agora introduzir as questões que orientaram esta leitura do analista de Bagé. Em uma primeira abordagem ela ilustra claramente não só como a psicoterapia tira sua força do ato psicanalítico como também o quanto sua manobra se constitui como um curativo para este ato. Todo psicoterapeuta tem um pouco de tio Lautério, preocupado em vestir de boas intenções sua violenta ação, valorizando mais a cuia do chimarrão que o joelho.

Se nos mantivermos, contudo, exclusivamente neste ponto de vista, todo o percurso com Luis Fernando Veríssimo só viria ilustrar uma distinção já brilhantemente estabelecida (cf MILLER, J. A. 2001). Ao vislumbrarmos, porém, com nitidez as duas vertentes da fantasia, uma de alienação outra de separação, podemos sentir o quanto elas são tributárias dos dois aspectos fundamentais do significante, que tanto pode instaurar um sentido onde antes não havia como deslocar ou romper um sentido já instalado. Fica claro o erro de se trabalhar apenas na vertente imaginária da alienação, tal como Lacan descrevia as intervenções da *ego-psychology*; mas fica igualmente claro o erro de supor que é analista alguém que apenas conhece e utiliza as virtudes separadoras do significante. Um terapeuta pode utilizar o significante tanto como injeção, reforçando o efeito alienante da fantasia, quanto como bisturi, apoiando-se no efeito de corte do significante, para separar o sujeito de seu casamento com o sentido. É bem verdade que alguém que busca transmitir a seu paciente as representações mais "apropriadas" do que lhe ocorre dificilmente entrará no céu psicanalítico, mas aquele que objetiva unicamente descolar o analisante de seus ditos conseguirá apenas fazer com que uma vez perdido ele se agarre, a cada vez, no primeiro sentido que se apresente. A experiência demonstra que a repetição dos cortes separadores apenas engendra alienações repetitivas assim como indica que o sentido encontrado é quase sempre tecido dos preconceitos do analista, mesmo que este se esforce por silenciá-los. O ato analítico é

justamente aquele que faz com que a partir desta repetição se produza um certo tipo de ruptura com a própria fantasia e não com este ou aquele sentido constituído a partir dela.

É preciso aqui, antes de concluir, melhor delimitar o que chamaremos de ato. De certa forma o ato típico, que utilizamos habitualmente como exemplo de ato, é o do mestre. Um mestre é aquele que produz um novo campo de significações a partir de um enunciado novo. À sua fala reage-se com: “é isso mesmo, como é que eu não consegui dizer isso antes.” Ele é aquele que diz (ou faz, o que dá no mesmo) o que ninguém ousava dizer e com isso cria um novo mundo. Só que sua fala não é sua. É roubada dos deuses do Olimpo significante. Ele se apropria do ato no instante mesmo em que o ato se deu e talvez seja o único que saiba de sua impostura, pois o ato não é seu (não há sujeito do ato), é do S1 que ele utilizou, ou que o utilizou. Um mestre cria assim novas significações mas jamais novos significantes.

Por esta razão, a relação delimitada por Lacan entre um analista e seu ato segue outra lógica que, para variar, é bem mais complicada. Como todo ato se define por seus efeitos, Lacan, para abordá-lo, desloca a ênfase do ato analítico para aquilo que ele produz, um analista. O ato analítico, em seu sentido forte, não é tanto o que um analista faz, mas sim aquilo que faz um analista. Ele determina o analista, mas não se confunde com suas intervenções. Lacan não tenta definir o que é um analista para em seguida localizar, junto a ele, seu ato, mas sim, partindo do fato de que há analistas no mundo, considera que deve haver um ato que produza um analista (LACAN, 29/11/67). Claro está que é preciso um analista que sustente o ato analítico no cotidiano de uma análise. Não é, no entanto, a presença de um analista na sessão que garante o adjetivo analítico desta, mas sim o analítico de uma sessão que garante que ali há analista (como não temos como examinar a esfera singularmente privada de uma sessão, uma das consequências desta inversão é que só se torna possível distinguir definitivamente o que é análise do que é terapia “de fora para dentro” e nunca verdadeiramente a partir do discurso analítico).

O analista é aquele que realiza o ato analítico por tornar possível outra separação que não aquela que vimos até aqui, indissociavelmente articulada à alienação. Trata-se de uma separação da própria cadeia dos ditos e que está vinculada ao aparecimento do objeto justamente no vão entre alienação e separação. Ao conseguir localizar/indicar a cada passo o objeto (cf. “a interpretação incide sobre a causa do desejo (...) o objeto *a*” LACAN, J. 2001, p. 473) e eventualmente encarnar sua função, o analista materializa um espaço original na cadeia significante, feita de alienação e de separação, mas que é distinto tanto de uma dimensão quanto de outra. O analista, assim como o mestre, está desvinculado dos contratos e normas habituais, mas diferentemente dele, não pode utilizar esta liberdade de modo canalha por estar submetido ao objeto. O espaço do objeto, figurado por Lacan como a superposição de dois vazios, o da alienação e o da separação, é habitado por esta coisa assombrosa feita de gozo disforme que tanto está inserida na fantasia como separada dela.

Desta forma, redescubro o que ouvi de meu supervisor há tempos: a psicanálise é a arte da posição. O analista mais do que dar o joelho ou tratá-lo, é aquele que, por que nada mais lhe resta, se situa no insensato exato lugar para que, entre o joelho e a cuia do chimarrão, haja espaço para o resto.

BIBLIOGRAFIA

- FREUD, S. “Sobre as razões de separar da neurastenia um determinado complexo de sintomas intitulado neurose de angústia” (1895), *Standart edition*, vol. III, Londres, Hogarth Press, 1953-1974.
“Inibição sintoma e angústia” (1926), vol. XX.
“Novas conferências de introdução à psicanálise” (1933), vol. XXII.
- LACAN J. *O Seminário, livro V*, Rio de Janeiro, Zahar, 1999.
O Seminário, livro XV, 1967-1968 (inédito).
O Seminário, livro XVII, Rio de Janeiro, Zahar, 1992.
“L’étourdit”, *Autres écrits*, Paris, Seuil, 2001.
- MILLER, J. A. “De la surprise à l’enigme”, *Le conciliabule D’angers*, Paris, Seuil, 1997, pp. 9-22.
La fuite du sens, 1995-96, seminário inédito, lição de 28/2/96.
“Psychanalyse pure, psychanalyse appliquée et psychothérapie”, *La cause freudienne*, vol. 48, 2001, pp. 7-36.
- VERÍSSIMO, L. F. V. *Todas as histórias do analista de Bagé*, Porto Alegre, LPM, 1997.



de onde vêm
os analistas

latusa

Escola Brasileira de Psicanálise – Rio de Janeiro

expediente

Editor

Vera Lucia Avellar Ribeiro

Secretária de Edição

Rosa Guedes Lopes

Conselho Editorial

Heloisa Caldas
Manoel Barros da Motta
Marcus André Vieira
Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros
Romildo do Rêgo Barros
Sara Perola Fux

Comissão de publicação

Ana Lucia Lutterbach-Holck
Carlos Eduardo Leal
Clara Huber Peed
Elza Marques Lisboa de Freitas
Heloisa Caldas
Romildo do Rêgo Barros
Sara Perola Fux

Capa

Regina De La Rocque Mendes

ISSN

1415-6830

Nossos agradecimentos a

Contra Capa Livraria
Elisa Monteiro
Regina De La Rocque Mendes

O conteúdo dos artigos é de exclusiva responsabilidade dos autores
Todos os direitos reservados a:

Escola Brasileira de Psicanálise – Rio de Janeiro
<ebprio@ax.apc.org>
Rua Viúva Lacerda, 117 – Humaitá
CEP 22261-050 – Rio de Janeiro – Brasil
Tel / Fax (55 21) 2539-0960

SUMÁRIO

artigos

- 11 O destino do sintoma às portas do novo século
Gustavo Dessal
- 19 O desejo do analista
Sara Perola Fux
- 29 As pequenas diferenças e a diferença absoluta
Alexandre Stevens
- 37 De onde vêm os analistas? Do umbigo do sonho!
Celso Rennó Lima
- 49 A Escola e a formação do analista
Lêda Guimarães
- 57 O passe e a formação do analista
Elisa Alvarenga
- 74 Uma questão de estilo
Heloisa Caldas
- 83 Estar na brecha
Pierre Naveau
- 103 Psicanálise e psicoterapia (entre o joelho e a cuia)
Marcus André Vieira
- 145 A formação do analista
Lenita Bentes
- 223 A formação do psicanalista: do trabalho de transferência à
transferência de trabalho
Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros